

Mariana Watanabe Barbosa \*

# Um culto aos “bravos pioneiros”: A ancestralidade na coleção Comunidade Yuba, da designer de moda Fernanda Yamamoto

Egressa Mestrado | 2019

\*

**Mariana Watanabe Barbosa** é Psicóloga clínica graduada pela UNESP, mestre em design pela Universidade Anhembi Morumbi. Dedicar-se a pesquisas fronteiriças entre arte e clínica que integrem práticas corporais que abarcam o corpo enquanto registro e materialização carnal de memória.

<marianawatanabe.b@gmail.com>

ORCID: 0000-0002-8424-2466

**Resumo** Este trabalho é a derivação de uma pesquisa de mestrado sobre a coleção Comunidade Yuba, desenvolvida pela designer de moda Fernanda Yamamoto. Realizamos uma cartografia que incluiu pesquisa bibliográfica, documental, entrevistas e trabalho de campo. O enfoque deste artigo é o conceito de ancestralidade e a sua presença na coleção estudada. Para tanto, abordamos brevemente o histórico da comunidade, o processo de criação da coleção, a ideia de ancestralidade para a psicanálise e para a cosmovisão africana. Por fim, conectamos os conceitos e o histórico apresentado às peças da coleção.

**Palavras chave** Comunidade Yuba, Fernanda Yamamoto, ancestralidade, design de moda

### **A worship to the “brave pioneers”: The ancestry in the Collection Comunidad Yuba, by the fashion designer Fernanda Yamamoto**

**Abstract** *This work is part of a preliminary result from my master’s research on the Yuba Community collection, developed by a fashion designer called Fernanda Yamamoto. We built a cartography that included bibliographic research, documentary, interviews and fieldwork. Having said it, the aim of this paper is to critically discuss the concept of ancestry and its presence in Fernanda Yamamoto’s work. Therefore, we seek to address briefly the historical context in which the Yuba Community is found, as well as the process of creating the collection, the idea of ancestry for psychoanalysis and the African cosmovision. Finally, we aim to connect the concepts and the history that each piece of the collection may bring*

**Keywords** *Yuba Community, Fernanda Yamamoto, ancestry, fashion design.*

### **Un culto a los “valientes pioneros”: La ascendencia de la colección Comunidad Yuba, de la diseñadora de moda Fernanda Yamamoto**

**Resumen** *Este trabajo es la derivación de una investigación de maestría sobre la colección de la Comunidad Yuba, desarrollada por la diseñadora de moda Fernanda Yamamoto. Realizamos una cartografía que incluyó investigación bibliográfica, investigación documental, entrevistas y trabajo de campo. El enfoque de este artículo es el concepto de ascendencia y su presencia en la colección estudiada. Con este fin, abordamos brevemente la historia de la comunidad, el proceso de creación de la colección, la idea de ascendencia para el psicoanálisis y la cosmovisión africana. Por último, conectamos los conceptos y la historia presentados a las piezas de la colección.*

**Palabras clave** *Comunidad Yuba, Fernanda Yamamoto, ascendencia, diseño de moda.*

## Introdução

Este texto é derivado da pesquisa que foi desenvolvida para a realização da dissertação *Singularidades Mestiças: percursos e criação no design da coleção Comunidade Yuba*, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Anhembi Morumbi no mês de agosto de 2019. Para que pudéssemos criar um território de pesquisa em torno da coleção Comunidade Yuba, criada pela designer de moda Fernanda Yamamoto, percorremos diferentes trajetórias e possibilidades teóricas e, naquele momento, optamos por uma exploração maior da estética da mestiçagem.

Neste trabalho, optamos por desenvolver um conceito que se tornou menor na dimensão final, mas que foi justamente aquele que nos levou ao nosso objeto de pesquisa: a ancestralidade. Utilizaremos como base o material de pesquisa que obtivemos durante o percurso do mestrado, dentre eles documentos, relatos da visita à Comunidade Yuba, obtidos no mês de maio de 2019, relatos da entrevista realizada com a designer Fernanda Yamamoto, em março de 2019 e ainda o material bibliográfico que transita entre a cosmovisão africana, a filosofia e a psicanálise.

Em nosso trajeto realizamos uma pesquisa qualitativa guiada pela metodologia da cartografia, baseada nas ideias dos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari (2000). Ela é a proposta de uma práxis de pesquisa e empresta da geografia o nome da prática de desenhar mapas que acompanham processos e transformações da paisagem (TAMIS, 2013). Assim, fenômenos psicossociais também podem ser mapeados por serem entendidos como territórios. Deste modo, as processualidades são acompanhadas a partir de suas conexões relacionais.

Esta prática se efetiva no caminho do ato de pesquisar, com o pesquisador imerso no processo acompanhado, pois “o cartógrafo cartografa sempre o processo” (COSTA, 2014, p. 61) e implica-se com a vitalidade presente na trajetória de pesquisa, dando passagem expressiva para os acontecimentos do percurso. Em outras palavras, quando se inicia uma pesquisa, não existe um fenômeno social cerrado sobre o qual descobre-se uma totalidade, mas provocam-se conexões entre diferentes territórios teóricos, produzindo-se passagens para a vida que se faz presente no pesquisar.

Ela constitui-se enquanto uma prática de pesquisa interventiva e política, por acreditar que não há uma separação entre a criação de saberes e o fazer da pesquisa. Em outras palavras, pesquisador e pesquisados, método de pesquisa e indivíduos presentes na pesquisa, fenômeno estudado e pesquisadores, se constroem ao mesmo tempo e, sempre, a cada vez. Pois “a gente nunca pisa duas vezes em um mesmo campo de pesquisa” (COSTA, 2014, p. 75).

O compromisso da pesquisa cartográfica é referenciado pelo paradigma ético-estético-político, no qual estas três dimensões estão hifenizadas por serem inseparáveis. Ali, ético refere-se à vitalidade que considera os corpos no mundo em relação, gerando regras variáveis que orientam os rumos da pesquisa. Funciona como uma decisão de dizer sim para a vida

e para os afetos que pedirem passagem. Estético refere-se à criação que o vetor ético nos solicita. Uma dimensão criadora da prática de pesquisa que cria expressão para as reverberações do processo. Político porque a cartografia está comprometida com a análise de formações sociais dos modos de vida, envolvendo escolhas e estas, por sua vez, não são neutras e remetem a um posicionamento diante da criação de um social (TAMIS, 2016)

O caminho deste artigo será guiado por uma breve exposição sobre a Comunidade Yuba, abrigando o seu histórico e os seus princípios. Seguiremos numa abordagem sobre o trabalho que Fernanda Yamamoto desenvolve em torno de Yuba. Depois traremos uma exposição teórica a respeito do conceito de ancestralidade. E, por fim, conectaremos a dimensão teórica ao design da coleção de Fernanda Yamamoto.

## **A Comunidade Yuba: um breve histórico**

A Comunidade Yuba localiza-se no município de Mirandópolis, no interior do estado de São Paulo. Criada em 1935 pelo imigrante japonês Isamu Yuba é uma experiência rural camponesa sustentada pelo trabalho comunitário autogerido no qual a ajuda mútua é um importante valor. Tem como guia o tripé: cultivar a terra, amar as artes e orar.

A criação da comunidade é influenciada pelas leituras que o jovem Isamu Yuba faz do livro Emílio de Jean-Jacques Rousseau, no qual encontra a frase “A liberdade não está em nenhuma forma de governo, está no coração do homem livre” (BARTABURU apud KANZAWA, 2010, p.10). A ela, somam-se outras ideias e especialmente a experiência que Yuba tem na comunidade Atarashi-Mura, na qual as pessoas trabalhavam juntas e não recebiam qualquer tipo de pagamento em dinheiro. Possuíam garantias básicas como alimentação, moradia e vestimentas. Lá, o trabalho era guiado pelo prazer de trabalhar. Nesta experiência comunitária, aprende o modo de gestão coletiva que levaria para a Comunidade Yuba.

A família Yuba chega ao Brasil no ano de 1926 e estabelece-se no bairro das Alianças, onde possuíam uma pequena quantidade de terra. O bairro era ocupado por colonos com uma boa condição financeira de origem e tiveram acesso a estudos. O nome “aliança” estaria relacionado aos ideais cristãos importantes para a comunidade, como a cooperação mútua e a formação moral de seus moradores.

Em 1935, a família Yuba muda-se para uma terra em Guaraçaí, município muito próximo de Mirandópolis [figura 1]. Neste novo ambiente, formam uma comunidade organizada em torno de três eixos fundamentais: o trabalho, a reza e a arte. O trabalho na roça é a principal atividade exercida pelos moradores, além daquelas que organizam o funcionamento comunitário, como a limpeza, a cozinha, o transporte e as práticas administrativas. Todas as refeições são antecedidas por uma oração. As artes começam a fazer parte do cotidiano de Yuba a partir do ano de 1947, quando a partir da renda proveniente da avicultura<sup>1</sup>, compram um piano e formam um grupo de canto coral que funciona até hoje na comunidade.

É possível encontrar em alguns escritos do fundador da comunidade que um dos seus objetivos com a criação da comunidade era o de gerar uma conexão dos imigrantes com a tradição japonesa que aparece em muitos aspectos de Yuba até hoje, desde a língua japonesa sendo utilizada como oficial até os símbolos japoneses que se fazem presentes, os banhos de ofurô, os canais japoneses na televisão, o consumo de filmes japoneses e desenhos japoneses, as comidas japonesas e até mesmo nas temáticas abordadas nas atividades culturais realizadas na comunidade, como podemos ver na figura 2. Estas práticas são presentes na comunidade cotidianamente.

A autossuficiência é um dos pilares da comunidade e, portanto, não há circulação de dinheiro em seus limites. Os trabalhadores não recebem salários por aquilo que realizam, pois, o objetivo de suas atividades está mais aproximado do prazer de um cultivo pessoal e comunitário do que de um desenvolvimento financeiro. A renda proveniente do trabalho é propriedade de todos, sendo utilizada para a aquisição de ferramentas para a manutenção da comunidade, pagamento de despesas mensais, produtos de higiene pessoal e, caso algum trabalhador precise de dinheiro para uso pessoal, ele precisa entrar em contato com o tesoureiro.

Durante o período da segunda guerra mundial, a comunidade chega ao seu maior número de moradores cerca de trezentas pessoas. O fundador da comunidade era conhecido por ser uma pessoa muito boa que abrigava muitos japoneses em Yuba. Em 1956, este número de pessoas se reduz quando a comunidade entra em falência em decorrência de gastos exacerbados de seu fundador. Neste acontecimento, eles saem da cidade de Guaraçai e retornam ao bairro das alianças, em um terreno onde permanecem até os dias atuais.

É a partir desta mudança que as práticas artísticas se tornam mais presentes em Yuba. Lá, as artes e o trabalho do campo têm a mesma importância que a agricultura. Do mesmo empenho pode nascer um pé de goiabas ou uma sonata de Mozart. [Isamu Yuba] Costumava dizer: “Todo agricultor planta como se fosse um artista diante de uma tela em branco” (BARTABURU apud KANZAWA, 2010, p. 17). Na vida yubense, pelas manhãs, os corpos se dirigem ao trabalho do campo, enquanto pela noite dedicam-se às artes. Nas salas de aula, botinas cheias de terra, peles queimadas pelo forte sol de Mirandópolis dividem espaços com instrumentos musicais clássicos construídos na própria comunidade, partituras, posturas de ballet. Cultiva-se as artes como se cultiva a terra em Yuba.

Em 1976, Isamu Yuba sofre um acidente de carro que culmina em sua morte. A sua presença pode ser percebida na comunidade mesmo após mais de quarenta anos de sua partida. Ele vive na ideia pulsante de comunidade idealizada ainda em sua juventude e que resiste em modos tão parecidos até os dias de hoje, nos retratos que adornam as paredes do refeitório, nas falas dos moradores que reconhecem a sua importância e, até mesmo, em moradores que receberam o seu nome em homenagem.



Fig 1. Comunidade Yuba em seus primórdios | Fonte: Acervo da Comunidade Yuba



Fig 2. Apresentação do Teatro Yuba | Fonte: Acervo fotográfico da Comunidade Yuba

Atualmente, a comunidade é formada por quatro diferentes gerações de imigrantes e seus descendentes, provenientes de 24 diferentes famílias, somando aproximadamente sessenta pessoas. A sua língua oficial é o japonês e seu líder é atual é o senhor Luiz Tsuneo Yuba, filho de Isamu. A principal atividade da comunidade é a fruticultura, destacando-se a produção de goiaba. Dentre as atividades artísticas estão as aulas de ballet, teatro, canto, música erudita, desenho, cerâmica e haicais. Além disso, desenvolve-se a prática esportiva do beisebol.

## A coleção Comunidade Yuba

A coleção Comunidade Yuba foi desenvolvida pela designer de moda Fernanda Yamamoto e sua equipe, após dois anos de trabalho de campo na comunidade. Foi apresentada na semana de moda São Paulo Fashion Week, edição 45, no mês de abril de 2018. Neste tópico, apresentaremos brevemente a trajetória da designer e posteriormente abordaremos o processo de criação da coleção e alguns de seus aspectos conectados à temática deste artigo.

Fernanda Yamamoto é uma designer de moda que vive e trabalha em São Paulo. Graduiu-se em administração de empresas pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, no ano de 2000. No ano de 2006, consolida uma mudança de área ao se formar em moda pela Parsons The New School of Fashion (Nova Iorque). Em 2007 cria uma marca autoral e inaugura sua loja-ateliê no bairro da Vila Madalena no ano de 2009. A partir do ano de 2010, começa a desfilar na São Paulo Fashion Week. Já apresentou as suas criações em eventos internacionais e recebeu prêmios por suas criações.

Em meados do ano de 2015, limita suas participações na SPFW a apenas um desfile anual, pois passou a optar por construir coleções a partir de processos profundos, que decorrem de pesquisas desenvolvidas por longos períodos de tempo, depois dos quais os desfiles tornam-se de certo modo um ápice criativo, que sintetiza e transmite conceitos envolvidos na criação. Isso conecta-se ao fato de que a designer entende o processo criativo como algo muito profundo que toca diversas questões daquele designer que cria. No caso da coleção Comunidade Yuba, existem aproximações da sua experiência pessoal enquanto descendente de japoneses e de sua origem com a origem e a história da própria comunidade.<sup>2</sup>

Os processos de criação da marca de Yamamoto sempre acontecem em equipe, de forma coletiva. Este é um valor da marca que funciona como um pilar, bem como a decisão de trabalhar em uma velocidade diferente àquela estabelecida pelo mercado da moda. A experimentação é um princípio muito presente nos seus projetos de coleção, como forma de incorporar imprevistos, os quais não necessariamente se configuram como erros ou acertos do processo, mas como parte de um caminho que se desenvolve durante o próprio fazer, partindo sempre de uma ideia que vai se desenvolver sem um caminho prévio traçado.

Yamamoto entende o design de moda como um vetor social e cultural e se preocupa com o resgate de técnicas tradicionais, estratégia que aparece não somente na coleção abordada neste trabalho, mas em diferentes trabalhos da designer. Outro dos principais pilares de suas criações é a valorização das pessoas que fazem as roupas, pois a designer entende que é importante que as pessoas saibam que as roupas não saem prontas das máquinas, mas sim envolvem um intenso trabalho de pesquisa e de desenvolvimento técnico. Para a coleção Comunidade Yuba, ela desenvolve uma série de vídeos que documentam este processo de criação.

Fernanda tem o seu primeiro contato com a Comunidade Yuba a partir do vínculo que tinha com uma antiga moradora de lá. De início não intencionava a pesquisa para o desenvolvimento de um trabalho. No mês de julho de 2016, ela faz uma primeira visita à comunidade e logo percebe que o modo de vida yubense poderia se tornar uma temática possível para um desfile, pois, de acordo com relato da designer, “como fazemos poucos desfiles, tem que ser uma temática muito inspiradora, que traga questões além de inspirações literais, estéticas [...]. Temas que façam sentido como uma experiência de vida [...] quando alguma coisa te toca, faz sentido para virar uma coleção” (YAMAMOTO, 2019, informação oral).

Durante o período em que a equipe realizava visitas à comunidade [fig. 3], a intenção era mais a de funcionar como uma experimentação daquele espaço do que a busca de referências visuais. Assim, os membros da equipe se inseriram nesta rotina e buscaram viver as atividades da comunidade, como lavar e secar louças, trabalhar na lavoura, frequentar as aulas de dança, participar de churrasco, dentre outras coisas. A ideia que os guiava era como transformar o estilo de vida de Yuba em linguagem para compor as roupas.

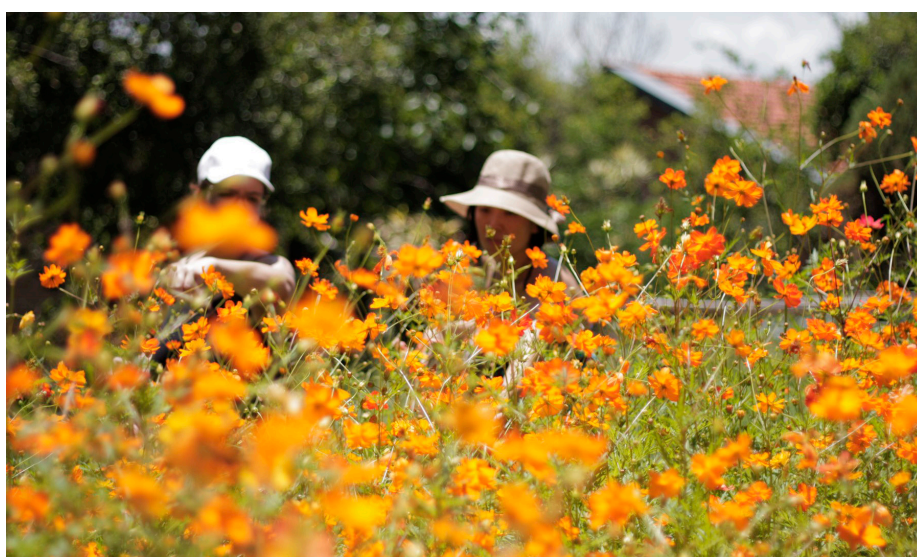


Fig 3. Equipe de Fernanda Yamamoto colhendo flores em Yuba

Fonte: <http://www.fernandayamamoto.com.br/comunidadeyuba>



Fig 4. Peça produzida a partir de retalhos de tecidos

Fonte <https://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/n45/fernanda-yamamoto/1692893/colecao/>

Deste modo, a partir da apreensão dos elementos da comunidade advindos desta experimentação inicial, a equipe chega a duas ideias que guiariam a tradução do modo de vida yubense em linguagem de design. Então duas ideias são tomadas como ponto de partida da coleção: a simplicidade e o fato de a comunidade produzir a maioria das coisas que consome, não produzindo resíduos sólidos. Assim, a criação foi norteadada partindo de uma base simples e trazer diferentes elementos visuais para ela, como forma de agregar cor, textura e volume. Foram utilizadas como ponto de partida para a criação, cinco peças de tecidos em branco, sendo duas peças de linho, duas de algodão e uma de neoprene.

Em Yuba não há produção de lixo e isso é traduzido para a coleção na ideia do zero waste [fig. 4], ou seja, desenvolver as roupas sem que resíduos sólidos sejam gerados. Assim, retalhos são reutilizados na criação de novas peças de diferentes formas e até mesmo como tramas de tricô. Reutilizam-se também algumas das plantas que proveram o tingimento dos tecidos, como o feijão que se torna uma grande feijoada que alimenta todos os trabalhadores do ateliê nos intensos dias em que eles estavam desenvolvendo as cores dos tecidos. A ideia da auto sustentabilidade presente na vida yubense foi transformada no Processo Yuba na metáfora do plantio.

O desenvolvimento desta coleção é a metáfora do acompanhamento do processo de plantio, colheita, alimentação e aproveitamento de cada parte gerada da planta. Faz parte desta mesma metáfora a inclusão das plantas na coleção a partir do processo de tingimento natural. A equipe trabalhou com algumas plantas colhidas em Yuba e outras plantas foram escolhidas na experimentação para chegar a certas cores.



Com os tecidos já tingidos, outros elementos estéticos passaram a compor este processo, como as formas geométricas e as texturas dos tecidos. Utilizam duas técnicas de amarrações de shibori [fig.5], uma desenvolvida a partir de costuras e amarrações e uma outra que é usada para criar os plissados manuais, na qual enrola-se o tecido em um cano de PVC e marcando-o com uma alta temperatura. Ambas são técnicas tradicionais japonesas reinventadas, sendo escolhidas com referência na preservação da cultura japonesa na Comunidade Yuba. A equipe aprendeu a realizar a técnica para este trabalho.



Fig 5. Amarrações de shibori para formar textura

Fonte: <http://fernandayamamoto.com.br/comunidadeyuba>

Outra forma de adquirir texturas foi o tricô, enquanto uma técnica manual e artesanal. Ele aparece em algumas peças, como os aventais inspirados no avental utilizado pelas cozinheiras de Yuba, as esculturas do já falecido yubense Hissao Ohara que estão presentes no jardim de Yuba referenciam o formato das cerâmicas [fig.6] que compõem o bordado de algu-

Fig 6. Cerâmicas produzidas para as peças do desfile | Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

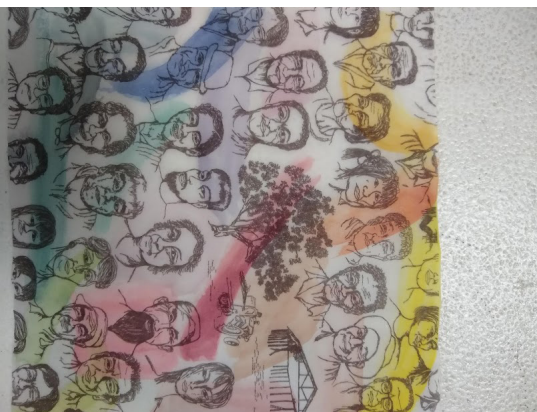


Fig 7. Lenço estampado com retratos desenvolvidos pela yubense Katsue Yuba | Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

mas peças. Além das texturas, também estão presentes algumas peças com estampas desenvolvidas a partir dos retratos desenhados por Katsue Yuba<sup>3</sup> para o seu livro “Bravos Pioneiros” [Fig.7] que conta a história e a luta dos primeiros moradores da comunidade.

Neste tópico nos dedicamos a apresentar brevemente o processo de criação da coleção de Yamamoto. No próximo tópico apresentaremos o conceito de ancestralidade como uma forma de alicerçar eticamente o nosso olhar para as peças em que observamos a presença de rastros ancestrais.

### A ancestralidade enquanto território de memória corporificada

A ancestralidade funcionará aqui como o conceito operador que guiará o nosso olhar para algumas peças da coleção Comunidade Yuba em nosso próximo tópico. Ele entra neste trabalho como um guia ético para olharmos uma construção cultural, como propõe a filósofa Adilbênia Freire Machado (2014). Entendemos, neste trabalho, a ancestralidade a partir de duas áreas: a psicanálise e a cosmovisão africana. Trazendo para ela um diálogo com a vida yubense e as tradições japonesas.

Entendemos neste trabalho a ancestralidade como a relação com aqueles que estavam antes de nós no mundo e que, segundo aponta o filósofo Eduardo David de Oliveira (2012) e se sustenta a partir de um tripé: os mitos, os ritos e o corpo. Ela é a transmissão de uma memória étnica que acontece de geração em geração a partir dos modos de vida. Como os modos de preparo de uma comida, os mitos em que se acredita, as histórias familiares, as formas como os corpos gesticulam de formas semelhantes a gerações anteriores, como pequenos vestígios de saberes antigos que permanecem vivos na atualidade.

A memória ancestral é corporificada, se inscreve no corpo. Para o psicanalista Gilberto Safra (2002), esta transmissão de memória étnica se presentifica em “formas sensoriais” (p. 21). Neste sentido “cada ser humano é a memória étnica de todos os seus ancestrais [...] pela apropriação do ethos, refletido na corporeidade, nas emoções e nas atitudes” (idem, p.23). Oliveira também inclui a corporeidade como uma dimensão importante para a ancestralidade:

[...] O corpo não é uma identidade segregada do mundo, do outro, de deus. O corpo é equivalente à natureza e ao espírito. O corpo é o emblema daquilo que eu sou, e o que eu sou é um construto de uma comunidade [...]. O corpo é um texto aberto para a leitura de quem o vê. O escritor é a comunidade. Portanto, meu corpo não é meu, mas um texto coletivo [...] será sempre cheio de sinais, de símbolos e marcas. O corpo é um vestígio dos valores civilizatórios do grupo que nele escreve e nele se reconhece. O corpo social é a extensão do corpo individual”. (OLIVEIRA, 2007, p 124)

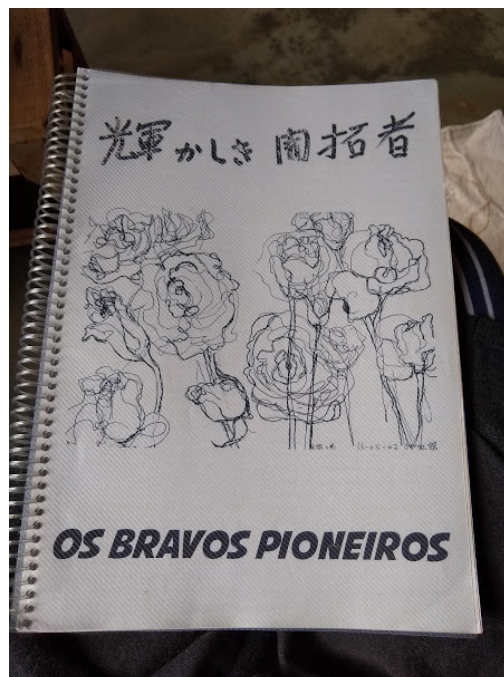


Fig 8. Livro de Katsue Yuba, “Os bravos pioneiros” | Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

O corpo yubense porta um grande respeito às gerações anteriores. Em um dos primeiros contatos da nossa pesquisa de campo, Katsue Yuba, uma das filhas do fundador da comunidade conta a respeito de seu livro “Bravos Pioneiros” [fig.8] que conta a história dos primeiros fundadores da comunidade. Segundo ela, a sua escrita funciona como uma forma de respeito a “toda aquela gente que chegou antes da gente e se foi” (sic). Em seu relato traz que a intenção de sua escrita é de que estas pessoas não sejam esquecidas. “As pessoas têm que saber quem veio antes. Tem que poder contar”. [sic]

Issamu é um yubense das gerações mais novas. Seu pai lhe batiza com este nome em homenagem ao fundador da comunidade, pois esta experiência coletiva promoveu uma mudança radical em sua vida. O yubense diz que “quando os mais velhos morrem, eles se tornam anjos da guarda e nos protegem com as mãos sobre os nossos ombros. Sendo assim, quando não temos contato com os mais velhos, nos deprimimos” (sic). Para ele, é por esta razão, em Yuba, os mais velhos são mais privilegiados e respeitados.

Esta valorização dos mais velhos traz consigo uma grande influência da tradição japonesa, a qual Isamu Yuba desejava tanto preservar. Como a comunidade é formada por imigrantes e seus descendentes, existe uma territorialidade afetiva e cultural que está carregada de ancestralidade, pois aonde o homem vai leva parte do seu tecido cultural, das suas teias de sentidos, não apenas para refazer-se, mas para continuar existindo, reexistindo” (MACHADO, 2014, p. 57).

Em nossa relação com a cultura, aponta Saфра (2002), encontramos as experiências de vida de outras gerações e vamos deixando rastros da nossa própria. Desta forma, Oliveira (2012) desenvolve a ideia de que a ancestralidade é um exercício de alteridade no qual nos relacionamos com os nossos antepassados de forma a fazer dialogar passado, presente e futuro.

O ser humano é um ser relacional e os processos de subjetivação ocorrem na presença de muitos outros seres humanos. Saфра propõe que cada um de nossos gestos possui a potencialidade de manutenção e compartilhamento de modos de mundo transmitidos a partir de objetos culturais, mitos e rituais. Deste modo, a ancestralidade se presentifica em modos singulares de vida. Os mesmos gestos abrigam a capacidade de reinvenção das tradições, pois as colocam em contato com o presente e as enriquecem e recriam.

Em termos da valorização da ancestralidade nas culturas tradicionais japonesas, temos ressonâncias importantes naquilo que pudemos constatar em nossa pesquisa de campo na Comunidade Yuba. Quando Issamu fala que quando as pessoas falecem, elas se tornam anjos da guarda, ele traz consigo um rastro da tradição budista japonesa que cultua os antepassados em um altar chamado *butsudan*. Na ocasião de morte de algum familiar, acredita-se que este espírito fique vagando pela casa por um breve período, até que este se torne um ancestral que proteja a família, como um guardião (FUJII apud ANDRÉ, 2018). Em troca desta atividade, os familiares vivos devem realizar oferendas de arroz, incenso, saquê ou de objetos e alimentos

que fossem queridos por esta pessoa em vida. Estes procedimentos possibilitam que a figura dos ancestrais permaneça sempre presente, mesmo após a morte, e devendo ser reverenciada pelos vivos. (SANSOM apud ANDRÉ, 2018). Podemos entender o livro “Bravos Pioneiros” de Katsue como uma forma de cultuar os antepassados. Algo deste rastro da importância dos mais antigos está ali.

A importância daquilo que é antigo também está relacionado à estética japonesa chamada *sabi* que evidencia a importância da passagem no tempo para o aprimoramento da beleza das coisas. Esta estética fala da beleza do envelhecimento aliada à vivência do tempo, dos processos históricos, realçando o fato da impermanência como inerente à experiência humana. O envelhecer enquanto algo bonito por mostrar que a vida está em fluxo, em movimento e que isso deixa marcas em tudo. (WATANABE-BARBOSA, 2019)

Retomamos Oliveira para dizer que, ao convocar a ideia ancestralidade, estamos pensando nela enquanto um conceito que possibilita um combate à lógica globalizante balizada pelo referencial do homem branco, sendo, deste modo, uma resistência ético-estética política por, respectivamente, circundar valores vitais, propondo criações permanentes, desafiando a suposta unidade do capitalismo, abarcando escolhas e posicionamentos. (BARROS, 2000)

Deste modo, a ancestralidade se propõe enquanto algo que parte da experiência encarnada no corpo, com as histórias e os hábitos dos antepassados que se inscrevem em seus descendentes e que não deixam de existir com a sua morte, mas se presentificam em cultura e memória produzindo subjetividade. (DAMIÃO, 2012). É deste modo que ela tensiona a fronteira entre tradição e atualizações, criando a cada geração, a cada novo território, novas possibilidades de criação.

## A ancestralidade na coleção Comunidade Yuba

Tendo em vista o que apresentamos anteriormente, lançaremos o olhar para a coleção Comunidade Yuba, de Fernanda Yamamoto, com o filtro ético da ancestralidade. Em algumas das peças, percebemos a presença de algumas estéticas japonesas tradicionais não abordadas neste artigo, portanto, optamos por não desenvolver uma análise sobre estas peças e, sim, por outras mais relacionadas à concretude daquilo que é hábito cotidiano yubense, referência de algum rastro ancestral mais físico e visual ou, ainda, algum aspecto que ressoe nas ideias de Isamu Yuba.

O *shibori* é uma técnica de tingimento japonês que consiste em criar diferentes padrões a partir de amarrações, costuras, dobras, dentre outras [fig.9, 10 e 11]. Yamamoto resgata esta técnica para fazer parte da coleção por ser algo tradicionalmente japonês, mesmo que não haja a prática des-

ta técnica em Yuba. Nas peças, a designer opta por utilizar as amarrações para criar texturas, atualizando a técnica. A partir desta escolha de uso da técnica, podemos pensar que ela se aproxima dos ideais de Isamu Yuba, que desejava criar um núcleo de fortalecimento da tradição japonesa no Brasil, mas que também cria uma relação entre passado e presente, atualizando uma técnica tradicional.



Figs 9, 10 e 11. Peças desenvolvidas a partir da técnica shibori | Fonte: <https://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/n45/fernanda-yamamoto/>

A designer traz algumas referências de peças do cotidiano yubense na coleção. Os aventais costurados pelas yubenses que trabalham na cozinha, os chapéus que os moradores utilizam para trabalhar embaixo do sol e a vassoura de palha feita por uma das yubenses estão presentes em diferentes peças da coleção [Fig. 12, 13 e 14]. Estamos trazendo-as como ancestrais, pois durante a nossa visita à comunidade tivemos acesso a diferentes álbuns de foto e estas referências já se faziam presentes em imagens antigas. Algo como um certo jeito de fazer que se transmite há anos. E que deixa o seu rastro corporificado nas criações que adentram as passarelas nesta coleção.



Figs 12, 13 e 14. Peças com presença de referências do cotidiano yubense | Fonte: <https://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/n45/fernanda-yamamoto/>

Algumas das peças desfiladas na coleção trazem os retratos dos bravos pioneiros desenhados por Katsue Yuba que, inclusive, porta um belo lenço [fig. 15] quando adentra a passarela. Esta imagem tão forte da filha caçula de Isamu Yuba [fig. 16] portando os desenhos feitos por ela mesma também cria um diálogo entre passado e presente. Aqui, através da memória materializada nos desenhos e que, ainda que não se saiba a história de cada um dos ancestrais ali presentes, faz com que eles sejam homenageados, cultuados, como em um ritual. Katsue, quando desfila com eles, sabe das memórias que escreveu e que as evoca neste ato. Cabe lembrar, aqui, que o nome “Bravos Pioneiros” é referência a uma criação do ballet da Comunidade Yuba, a sua atividade cultural de maior relevância.



Figs 15 e 16. Katsue Yuba desfila com lenço desenvolvido a partir de estampa criada com as suas ilustrações; A ilustração de Isamu Yuba feita por Katsue  
Fontes: <https://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/n45/fernanda-yamamoto/> e acervo pessoal da pesquisadora

Hisao Ohara foi um escultor morador de Yuba muito importante na história da comunidade. A sua chegada e de sua esposa, nos anos de 1960, foi decisiva para que a implantação das artes ganhasse uma seriedade e uma importância que, até então, não tinha sido possível. No pátio da comunidade, estão presentes diversas obras do escultor [Fig. 17]. Todas elas carregam formas geométricas e fazem com que o seu criador esteja presente, após mais de 30 anos de sua morte. Algumas das peças da coleção Comunidade Yuba carregam bordados de cerâmicas [fig. 18 e 19] que fazem referência às esculturas de Hisao reverberando a sua presença e criando formas, cores e modos de reverberar a vida de um importante antepassado.

Como dissemos anteriormente, existem outras presenças ancestrais nas roupas da coleção Comunidade Yuba, porém, devido à extensão deste trabalho, optamos por olhar mais atentamente para aquelas que se relacionam diretamente com a história da comunidade e menos com a cultura japonesa de modo mais global.



Fig 17. Jardim de Yuba, com esculturas de Hisao Ohara

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora



Figs 18 e 19. Peças bordadas com cerâmica referenciadas pelas esculturas de Hisao Ohara | Fonte: <https://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/n45/fernanda-yamamoto/>

## Considerações Finais

A Comunidade Yuba é um território atravessado pela ancestralidade, a partir do momento em que Isamu Yuba decide criá-la como modo de conexão dos imigrantes japoneses às suas tradições. Os corpos yubenses são atravessados fortemente pela sua ascendência e, conseqüentemente, pela sua ancestralidade. Lembrar de quem veio antes e de sua história é importante para a cultura originária do povo de Yuba. Os rastros de sua história, a importância dos seus ancestrais está sendo constantemente cultuada, inclusive na sua própria presença e força em levar o sonho de seu líder fundador à frente.



Na coleção desenvolvida por Fernanda Yamamoto a partir do seu encontro com a comunidade, podemos ver presentes a relação entre presente e passado; tradição e atualização; referência e recriação. A ancestralidade que permeia a coleção da designer é sempre relacional, fazendo com que a linguagem dela apareça em uma mistura com a ancestralidade que surge ali como um rastro que estaria presente, pois em Yuba ela está nos mais mínimos detalhes. Além disso, há uma relação entre a ancestralidade japonesa de Fernanda e a ancestralidade japonesa de Yuba. Uma impacta a outra neste processo de criação.

Tomando a ideia de que a ancestralidade é uma relação cultural que cria formas sensoriais nos corpos, não podemos deixar de olhar para o fato de que o processo de desenvolvimento da coleção Comunidade Yuba por si também é atravessado por rastros ancestrais presentes na própria ética de criação de Fernanda Yamamoto, como na própria relação com o tempo, um tempo mais prolongado de criação traria um trabalho mais denso, mais profundo. Bastante similar à estética sabi.

Por fim, podemos entender que olhar para uma comunidade criada há mais de oitenta anos e poder desenvolver um trabalho sobre ela, pensando nos seus moradores importantes, nos seus rastros, nas heranças que deixaram, é uma forma de cultuá-los. Pensamos nas roupas criadas por Fernanda Yamamoto como oferendas aos bravos pioneiros que, um dia, decidiram criar um lugar no mundo em que havia a sustentação de um tripé: a reza, a terra e as artes. Este tripé esteve vivo na coleção Comunidade Yuba.

1 A avicultura foi uma prática bastante importante em Yuba, quando na década de 1940 tornou-se a maior granja da América Latina.

2 Informações obtidas na entrevista com a equipe da designer no mês de março 2019

3 Filha de Isamu Yuba.

## Referências

- ANDRÉ, Richard Gonçalves. **Do Samsara à ancestralidade**: a apropriação do culto aos ancestrais no Budismo japonês. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 11, n. 32, p. 277-305, 2018.
- COSTA, Luciano Bedin da. **Cartografia**: uma outra forma de pesquisar. *Revista digital do LAV*, v. 7, n. 2, p. 066-077, 2014.
- DAMIÃO, Flávia. **Filosofia da Ancestralidade**. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, 2015.
- GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- KANZAWA, Lucille. **Yuba**. São Paulo: Terra Virgem. 2010.
- LIMA, Priscila Tamis de Andrade. **Trajetos na cidade**: cartografias de saúde e subjetividade. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) - Universidade de São Paulo. 145f. São Paulo, 2013.
- MACHADO, Adilbênia Freire. **Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas**: filosofia africana e práxis de libertação. *Páginas de Filosofia*, v. 6, n. 2, p. 51-64, 2014.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará. 353 f. Fortaleza, 2005.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **A ancestralidade na encruzilhada**. Editora Gráfica Popular, 2007.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana**: educação e cultura afro-brasileira. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, v. 18, p. 28-47, 2012.
- PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. **A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade**. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 16, n. 1, p. 71-79, 2000.
- SAFRA, Gilberto. **Memória e subjetivação**. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 2, p. 21-30, 2002.
- WATANABE-BARBOSA, Mariana. **Singularidades Mestiças**: percursos e criação no design da coleção Comunidade Yuba. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi. 113 f. São Paulo, 2019.

**Recebido:** 15 de setembro de 2020.

**Aprovado:** 13 de outubro de 2020.